

Documentos retratam 500 anos de vida de nobres bracarenses

Arquivo Distrital mais rico com espólio da Casa do Avelar

José Carlos Lima
Avelino Lima

A Universidade do Minho ficou desde ontem mais rica com a aceitação da doação do arquivo particular da Casa do Avelar, uma moradia brasonada da cidade de Braga, que há 500 anos acolhe a família Jácome de Vasconcelos. O acto praticado por Vasco Vasconcelos é uma merecida homenagem à sua malograda filha Maria da Assunção, que dedicou a sua vida ao Arquivo Distrital de Braga, uma unidade Cultural da Universidade do Minho.

Dois anos depois do súbito desaparecimento da directora, o Arquivo Distrital recebeu ontem uma importante prenda para reforçar o seu espólio: 500 anos da vida da família Jácome de Vasconcelos, reunidos nos arquivos pessoais da Casa do Avelar, foram transferidos para o Largo do Paço. Esta é uma das mais importantes da cidade, com inúmeras personalidades, que ao longo dos séculos tiveram as mais diversas responsabilidades municipais, empresariais e nacionais.

Esta é uma doação de valor não calculado e dificilmente calculável, que além



Vasco Jácome de Vasconcelos faz doação de património ao arquivo e homenageia filha/directora

de homenagem póstuma a Maria da Assunção, deve servir também de exemplo para outros particulares. E que nos pergaminhos e papéis velhos de uma linhagem, que se instalou em Braga no final do século XIV e que manteve até à actualidade uma invejável estabilidade e coesão, estão «dados preciosos sobre a vida política, económica e social da cidade e do

país», como sublinhou o director da Biblioteca Pública, Henrique Barreto Nunes, que não escondeu o seu «conflito de emoções», pela alegria do acto que beneficia a preservação do património público, mas pela lembrança da amiga directora, que já em 1990 dizia «precisar de mais sete técnicos» para desenvolver o necessário trabalho naquela unidade.

Arquivo continua com falta de espaço e de pessoal

Maria da Assunção Vasconcelos apontava, então, a necessidade de mais pessoal, de mais espaço e de melhores meios informáticos, pois os disponíveis eram obsoletos, mas até ao momento – 18 anos depois – «só os meios informáticos foram modernizados, não sendo adequado referir a situa-

ção actual», afirmou Barreto Nunes. O director da Biblioteca agradeceu pessoalmente «o apoio» do marido Duarte Chaves, na compilação de um volume com os principais textos de Maria da Assunção, que ao longo da sua vida compilou extensa bibliografia, a que chamou «O Arquivo e a Cidade».

Na ocasião, o reitor da Universidade do Minho agradeceu «a confiança e generosidade demonstradas pela família Jácome de Vasconcelos, que à semelhança de outros depositários, reconhece à UM a sua valiosa função de agente cultural». Guimarães Rodrigues fez também uma merecida referência a Maria da Assunção, responsável pelos Arquivos desde 1984 e directora a partir de 2000, além de membro do Conselho Cultural da universidade do Minho.

«Confesso que procurei frequentemente o pretexto de visitantes estrangeiros para acompanhar o périplo pelo Arquivo e ouvir as explicações que iam adicionando elementos à minha curiosidade», afirmou o reitor, que salientou «a satisfação de observar o orgulho com que apresentava parte do espólio do Arquivo, aos esporádicos visitantes a quem

era facultada uma visita». «O profissionalismo, o empenho e a atitude da doutora Maria da Assunção facultaram-lhe o reconhecimento e a estima generalizada de colegas, docentes e funcionários», referiu.

Espólio digitalizado daqui a um ano

O doador, Vasco Jácome de Vasconcelos, salientou o sentido de homenagem à filha que esta decisão comportou, pelo muito que ela se esforçou em melhorar o Arquivo e por saber que se estivesse viva concordaria com o acto. O representante maior da família, que reside na Casa do Avelar, na freguesia da Cidade, enalteceu ainda o trabalho de mestrado realizado por Ana Maria Macedo, o trabalho do Conselho Cultural e o empenho de Henrique Barreto Nunes.

A doação é feita sem reserva, mas com as condições de «livre acesso da família a todos os documentos», da «digitalização» de parte do espólio e da realização de um catálogo «no prazo de um ano» e obrigação da Universidade do manter o espólio indiviso e bem acondicionado, em adequadas condições de conservação.

PSP filmou prédio em Santa Tecla em inquérito sobre tráfico de droga

A PSP de Braga filmou durante meses a entrada de um prédio no Bairro Social de Santa Tecla no âmbito de um inquérito sobre tráfico de drogas que envolve 16 arguidos e cujo julgamento ontem começou no Tribunal de Braga.

A polícia filmou as entradas e saídas de dezenas de toxicodependentes, através de uma câmara de vídeo colocada num prédio fronteiro ao da entrada 6 do Bloco 3, onde alegadamente se ven-

dia droga.

O julgamento envolve 16 arguidos, residentes no Bairro, acusados do crime de tráfico de estupefacientes, na forma continuada e de tráfico para consumo, também na forma continuada.

A audiência, que devia ter começado de manhã, acabou por se iniciar à tarde, devido à ausência de três arguidos.

O Tribunal ouviu a primeira testemunha, o chefe da PSP, José Oliveira que coordenou

as vigilâncias e que contou ao colectivo de juizes como se processava o alegado movimento de traficantes e compradores no bairro.

A acusação considera que 10 dos arguidos, homens e mulheres, eram os responsáveis pelo tráfico, sendo os outros sete seus coadjuvantes.

O Ministério Público constatou, durante o inquérito, que a cidade de Braga tem três locais «há muito referenciados» pelo tráfico de drogas: os bair-

ros sociais de Santa Tecla e das Enguardas e o Complexo Habitacional do Picoto.

Esta realidade – escreve o magistrado – «dá origem a que a PSP mantenha as três zonas em permanente vigilância, tendo já efectuado dezenas de detenções em resultado de investigações policiais».

O Ministério Público salienta que muitos residentes do Bairro estão a cumprir pena de prisão, outros estão condenados mas à espera de deci-

são de recurso e outros, ainda, foram condenados mas com a pena suspensa.

Para construir a acusação, o Ministério Público diz que «os arguidos actuaram conjunta e concertadamente» e recorda a as elevadas quantidades de estupefacientes paulatinamente apreendidas pela PSP aos arguidos.

Enumera ainda as constantes visitas de toxicodependentes a «Santa Tecla», bem como as consideráveis somas de di-

nheiro e peças de ouro apreendido aos arguidos, a par das balanças de precisão para pesar a heroína.

O processo, que tem 60 testemunhas, entre os quais oito agentes policiais, assenta numa investigação realizada pela PSP em 2006 e 2007, e que permitiu identificar e interrogar dezenas de consumidores que acabavam de se «abastecer» nos apartamentos daquele bairro municipal.

Lusa